A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE VIDA E O RELATIVISMO CULTURAL: PERSPECTIVAS SOBRE O DEBATE ACERCA DO "INFANTICÍDIO" INDÍGENA

Roberta Cristina Neves
rc.neves29@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Rosemary Lea
vrlea@terra.com.br

Apoio: Bolsa Pesquisa PIBIC-Unicamp; Fapesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Palavras-chave: 1. Noção de vida - 2. Relativismo Cultural - 3. Infanticídio - 4. Etnologia

1. Introdução

A pesquisa tem como objetivo mapear e analisar o debate acerca do chamado "infanticídio" indígena. A morte de neonatos ocasionada em algumas populações indígenas pode ocorrer por diferentes motivos, a exemplo de casos em que há nascimento gemelar. Entretanto, não há dados oficiais ou confiáveis a respeito das populações nas quais ocorre e nem a respeito dos motivos que lhe são subjacentes. O assunto veio à tona com a proposta de criminalização do fenômeno (Projeto de Lei 1057/ 2007). Nesse cenário, acreditamos que tal temática merece uma discussão mais profunda, uma vez que tem sido freqüentemente reduzida (por exemplo, em matérias midiáticas) a um problema moral; quando, na verdade, as próprias concepções de vida, pessoa e morte – tantas vezes naturalizadas – estão em jogo. Outro ponto considerado são as críticas que vem sendo tecidas ao relativismo cultural – ferramenta clássica da Antropologia Social.

2. Metodologia

A metodologia consiste na análise de fontes como artigos e livros sobre a temática do infanticídio e sobre outras questões a ela vinculadas: a construção da noção de vida, tanto nas chamadas sociedades euro-americanas, quanto em sociedades ameríndias; os limites e impasses referentes aos direitos humanos e ao relativismo cultural e o enquadramento jurídico do infanticídio. Analisamos também materiais midiáticos e documentos da Câmara dos Deputados, tendo em vista acompanhar o debate atual em torno do tema.

Objetivamos realizar um mapeamento desse cenário de maneira crítica, intentando problematizar, à luz da bibliografia antropológica, alguns pressupostos, como uma noção particular (ou noções particulares) de vida, recorrentemente mobilizados acerca do tema, nos discursos jurídicos e jornalísticos, por exemplo.

3. Resultados e Discussão

Como resultado, o estudo discute e problematiza os argumentos e pressupostos que vem sendo mobilizados nos debates em torno da questão do "infantcídio" indígena, a partir da produção acadêmica, matérias midiáticas e documentos, procurando atentar à atuação dos diferentes atores envolvidos, como representantes e intelectuais indígenas, antropólogos, missionários, entre outros.

No levantamento e análise da bibliografia pertinente ao assunto e a outras questões a ele vinculadas, contemplamos especialmente os temas da pessoalidade, humanidade e corporalidade ameríndias, bem como as discussões sobre crianças e infância indígenas. Analisamos ainda as representações das noções de vida, pessoa e ser humano, não apenas com relação ao chamado infanticídio, mas também em outras discussões, a exemplo das polêmicas referentes ao aborto e à pesquisa com embriões humanos, as quais informam sobre a construção da noção de vida nas sociedades euro-americanas. Procuramos, assim, perceber possíveis relações entre tais construções e também entender como tais noções são delimitadas e mobilizadas em sociocosmologias distintas e em diferentes contextos.

4. Conclusões

A análise das fontes evidencia que estão em jogo diferentes construções culturais sobre o que é vida, bem como sua articulação com os temas do relativismo cultural, do multiculturalismo e dos direitos humanos. O estudo aborda ainda a histocidade do conceito de vida mobilizado em polêmicas a que nos referimos acima, os fundamentos e conseqüências da criminalização em questão e os desafios impostos ao relativismo cultural.

Exemplos de materiais midiáticos analisados pela pesquisa

Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena

Número de crianças mortas é desconhecido

BONI, Ana Paula. "Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena". Folha de São Paulo, 06/04/2008.

MARQUES, Hugo. "O garoto índio que foi enterrado vivo". IstoÉ, 20/02/2008.

O Estado do Maranhão. São Luis, 24 de abril de 2010. Sábado | Terceiro Setor | 5

Documentário discute prática do infanticídio entre os índios

"Quebrando o Silêncio", da documentarista e jornalista Sandra Wolf, mostra o que as aldeias brasileiras pensam sobre a tradição do infanticídio, uma prática comum nas aldeias indígenas do Brasil

Sandra Wolf produziu o documentário sobre o infanticídio entre os índios

SANGUE ÍNDIO

Curitiba, a margem de duas sociedades e conseguiram lutar para legitimar uma aldeia urbana em uma cidade como Curitiba. Neste mesmo ano finalizei como diretora o Documentário Quebrando o Silêncio, que trata sobre a questão do infanticídio em áreas indígenas. O filme rompe com a versão oficial da Funai, que diz que o infanticídio é lenda. Ele mostra por meio de depoimentos de parentes indígenas de vários povos que essa prática existe.

Terceiro Setor - Por que o interesse pelo tema do infanticídio indígena?

Como chegou a esse tema?

Sandra Wolf - Quando eu era criança, meu pai contava que quando nasciam gêmeos, filhos de mãe solteira ou deficientes, essas crianças eram sacrificadas. Eu achava que isso fazia parte do passado do meu povo. Tomei conhecimento sobre a questão do infanticídio a partir do filme Hakani.

Terceiro Setor - Apesar de ser chocante, o infanticídio faz parte da tradição de algumas aldeias brasileiras ainda. A sua opinião a respeito dessa prática mudou após a execução das entrevistas?

Sandra Wolf - Sim, em algumas aldeias essa prática faz parte da tradição. Não entanto, nenhuma cultura é estanque, para no tempo. Percebi com as entrevistas, que os pajés entes querem mudar. Hoje, temos internet, tevê a cabo, local para pouso de aviões em nossas aldeias. Entendemos que a nossa cultura também é dinâmica e que no passado talvez essa prática fosse importante para a nosso sobrevivência pois há 300 anos realmente não tinha como cuidar de um deficiente físico ou um filho de mãe solteira. Não havia o caçador para prover o alimento. Hoje, existem maneiras de lidarmos com isso. Nós mulheres, fazemos artesanato, por exemplo. E a mesma história do bife quadrado da vovó que era tradição na família. Um dia alguém foi pesquisar porque o bife da vovó era quadrado. Descobriu que em assim porque a panela da bisavó da vovó era quadrada. Percebi nas entrevistas que o nosso povo entende que precisamos cuidar de nossas crianças, para que possamos existir como povo.

Terceiro Setor - E com relação à opinião dos próprios índios a respeito dessa prática? Essa tradição ainda encontra apoio entre a população indígena nos dias de hoje?

Sandra Wolf - Não posso falar por todos. Somos mais de 230 povos espalhados pelo Brasil. Mas, posso falar pelo meu povo e pelos povos que tive a oportunidade de conversar. Existe uma parcela da população, principalmente entre os mais velhos, que resiste ao diálogo. No entanto a grande maioria das lideranças e mulheres está a favor da vida. O principal problema é conseguir políticas públicas para isso. Um cadeirante dificilmente viveria hoje em uma aldeia no alto Xingu. Uma criança que precisa fazer hemodiálise três vezes por semana sai muito caro para os cofres do governo. Então é fácil dizer: "Isso é da cultura, não vamos interferir".

Terceiro Setor – Você pode citar algumas das tribos pesquisadas?

Sandra Wolf - Suruahá, Kamaiurá, Sateré-Mawé, Ikpeng.

Terceiro Setor – O documentário já foi exibido para público indígena? Qual foi a reação?

Sandra Wolf - Faz questão da primeira exibição do filme ser realizado no Parque do Xingu, em um encontro de mulheres. Todos assistiram com muita atenção. As lideranças me respeitaram muito. Houve grande apoio dos povos que lá estavam. Houve também uma parcela de pessoas que ainda se mostraram resistentes a questão.

Terceiro Setor – Por causa desse documentário, você e a ONG Atini – sua parceira – foram premiadas. Você esperava esse reconhecimento?

Sandra Wolf - Sim, sou o Prêmio Jovem da Paz na categoria Comunicação e Prêmio Voluntariado Empreendedor na categoria redução da Mortalidade Infantil. Os prêmios foram gratas surpresas. Estamos tão envolvidos com o trabalho que às vezes não temos tempo para pensar muito. Nós sabíamos que havia um grande interesse público e relevância social neste projeto. No entanto, esses prêmios não vão valer nada se não atingirmos o objetivo que é exibir o filme pelas aldeias do Brasil para que o nosso povo possa refletir sobre o infanticídio para que políticas públicas saiam das nossas bases e lideranças tradicionais das aldeias.

O Estado do Maranhão, São Luis, 24/04/2010.